

“GÉOGRAPHIE HUMAINE ET ÉCONOMIQUE DE LA CHINE”

Jamais tolerei os geógrafos de luxo, isto é, aqueles que escrevem geografia, sob os seus múltiplos aspectos, refestelados nas macias poltronas dos seus confortáveis escritórios. Esses fazem geografia por ouvir dizer e serão incapazes, tenho a certeza, de no terreno tirarem uma conclusão digna de nota. Perfilome em continência, quando topo um *globe trotter* como FRANCIS RUELLAN capaz de ver e interpretar, valendo-se de sua vasta bagagem científica e da experiência adquirida por seu esforço próprio nas inúmeras vezes que teve de intervir nas pesquisas que lhe foram confiadas.

Não conheci GEORGE B. CRESSEY, sei apenas que êle, como RUELLAN, se fazia acompanhar da esposa, auxiliar inestimável, fazendo-se querido em tôdas as plagas a que aportava. A vida dos dois geógrafos tem êsse ponto comum — unem-se aos estudiosos da terra onde vivem e com êles passam a freqüentar os seus institutos de investigação científica. Há um contácto elogiável, uma dupla troca na qual tanto ganham os geofilistas nacionais como os alienígenas.

O que sucedeu com RUELLAN no Japão e no Brasil, passou-se com CRESSEY na China.

Designado para ministrar conhecimentos de geologia na Universidade de Shanghai, penetrou no ex-império do Meio pelo deserto de Gobi, pois não queria chegar à majestosa *urb* sem ao menos ter relanceado o chão da terra onde ia viver. Fez-se amigo de mestres e alunos chinos e com êles não se cançou de fazer excursões sôbre excursões.

Aproveitava os discípulos para a confecção de seus gráficos e mapas e, no fim de dez anos de viagem a partir de 1923, deu-nos o maravilhoso livro que vamos a *bird's eye* comentar.

O processo de observação de CRESSEY foi excelente, porquanto sendo impossível esquadrinhar todo o chão do Celeste Império, procurou ver ao menos uma lasca dos territórios das quinze grandes regiões em que êle pôde dividi-lo. E na sua ingente tarefa colheu magníficos dados, apesar dos desconfortos oriundos das viagens em país de hábitos milenários tão opostos aos nossos e os freqüentes encontros com bandoleiros dos variegados exércitos que percorriam o país sob as ordens dos *wai lords*, militares e políticos a um tempo que haviam levado a China às agruras da guerra civil.

O livro está dividido em duas grandes partes e consta de quase cinco centenas de páginas em formato grande. Há farta ilustração fotográfica, diagramas e gráficos, tudo muito nítido e inteligentemente disposto, permitindo uma leitura que atrai, instrue e mais do que isto fornece um exemplo aos geógrafos estreados.

Ligou o Autor, como se não pudessem ser separadas, como elementos xifópagos, a parte humana e a econômica. Fêz muito bem, pois é difícil cindilas, paleando com segurança onde uma termina e começa a outra.

A economia é o resultado da luta titânica do homem com a terra. Esta verdade incontestemente refulge muito mais na pátria de Confúcio, porque lá “é o homem e não o solo, a vegetação ou o clima que constitue o elemento característico da paisagem chinesa” que se torna assim “uma unidade biofísica tão fortemente constituída quanto a associação da árvore ao terreno que a sustenta”.

Há na magistral obra uma parte geral e outra dedicada ao exame das condições atinentes às quinze regiões naturais, correspondendo a cada uma um capítulo bem dividido e meticulosamente estudado.

A parte geral é esgotada em seis capítulos compreendendo quase duzentas páginas e assim delineada.

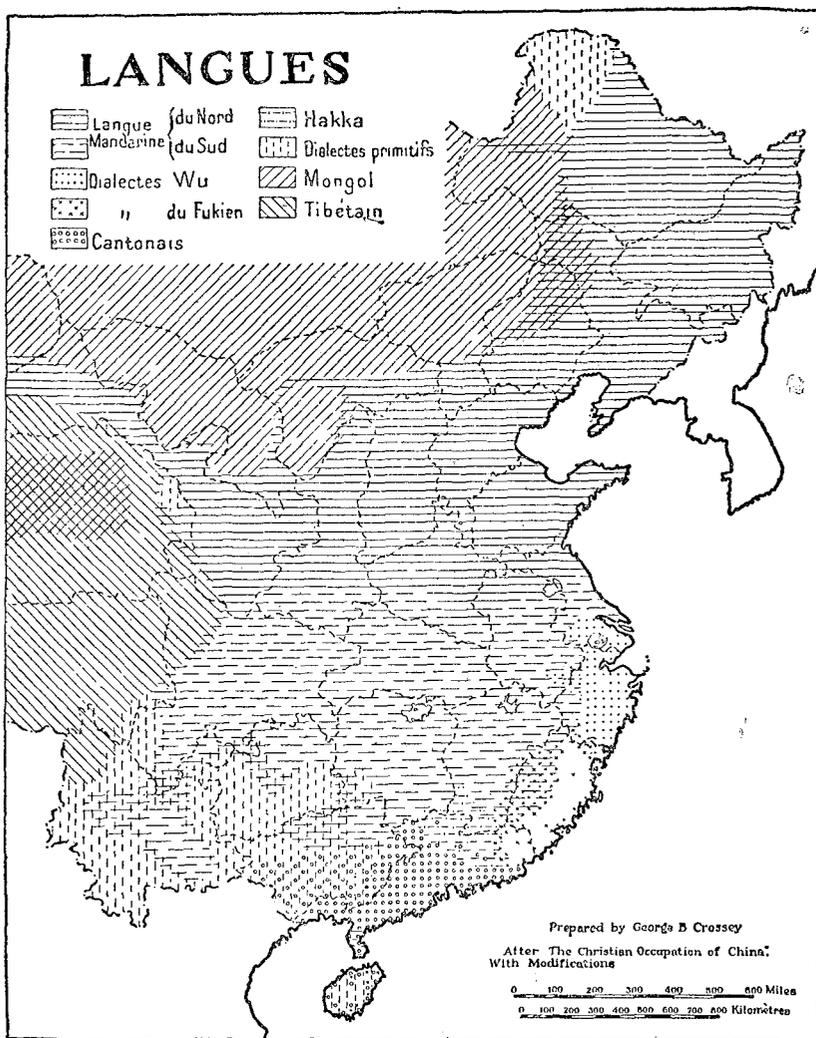
- I — A paisagem e a geografia
- II — O relêvo do solo
- III — O clima, fator essencial da atividade humana
- IV — Agricultores há quarenta séculos
- V — As riquezas naturais da China
- VI — Os contactos da China com o resto do mundo

Aquí está tudo para definir de modo absoluto um país. Em "a paisagem e a geografia" estudou a obra do homem e diz o Autor que "um lento processo baseado numa velha experiência ensinou o melhor modo de obter as colheitas mais abundantes possíveis e de melhor organizar as relações sociais. Esta adaptação das tradições culturais ao meio físico é levada a tão alto grau que, se aplicássemos à China a linguagem da ecologia botânica, poderíamos descrever este país como tendo chegado ao mais elevado grau de adaptação. Estamos aqui em presença duma civilização estabilizada que utiliza até ao limite extremos os recursos que a natureza põe à sua disposição."

"A menos que a aparição de forças exteriores não venha trazer qualquer mudança a este equilíbrio, produzir-se-à no interior do sistema sòmente pequenas adaptações."

Não nos interessa aqui, numa revista genuinamente brasileira, a geografia da China e sim a *metodologia* seguida pelo Autor para edificar seu monumento.

Após estudar o papel do homem na modificação da paisagem, procura dizer algo da origem do povo, fala do isolamento da China afirmando que nem exércitos conquistadores nem civilizações jamais penetraram por suas fronteiras

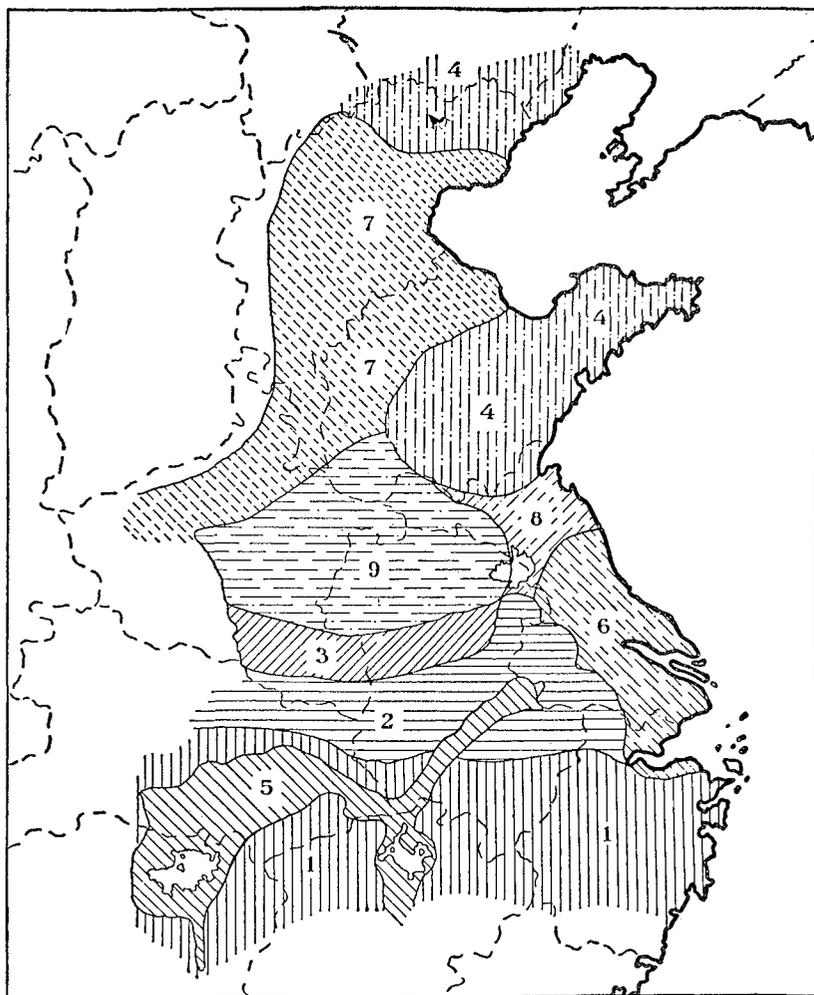


AS LINGUAS

Ainda que a língua chamada mandarina ou kuan hua outora em uso na còrte de Pequim, seja falada em todo o norte e no centro da China, os habitantes das regiões meridionais que bordam o litoral falam uma multidão de dialetos diferentes

marítimas (o livro foi escrito antes de 1937) Mostra o contraste chocante verificado tão grandemente no país, e suas observações bem podem ser aplicadas ao Brasil. Todavia aqui há unidade de língua e de psicologia, lá são fatores disassociantes a língua, o aspecto físico e o ponto de vista psicológico. "Um chinês de Shantung difere tanto dum chinês de Kwantung como um francês dum italiano" Conclue o Autor que há duas Chinas que possuem caracteres delimitantes perfeitamente definidos, passando a zona de mudança mais ou menos pelo paralelo 34°, entre os rios Amarelo e Azul. Estuda o superpovoamento, avançando que no ano I da era cristã já 55 milhões de seres humanos habitavam o império do Meio.

Tece o Autor seus comentários de estatística na mão. Classifica os centros urbanos pela população e conclue que 74,5% dos habitantes vivem no campo e que $\frac{3}{4}$ dos chins são agricultores. Diz, e estou perfeitamente acôrde com êle, que as estatísticas relativas à densidade média da população são inteiramente enganosas se se desprezar o caráter da região a que elas se aplicam.



CARTA PROVISÓRIA DOS SOLOS DA CHINA

- 1 — Região de terras vermelhas
- 2 — Região de argila plástica
- 3 — Solos do vale do Hwai
- 4 — Região de terras marrons
- 5 — Solos das planícies inundadas do médio Yangtze
- 6 — Delta do baixo Yangtze
- 7 — Solos aluvionais das planícies do Norte
- 8 — Antigo delta do Hwang Ho Solos de Sajong das planícies centrais (Segundo C F SHAW)

Após estudar a população comparada às áreas, diz-nos com segurança sobre os meios de comunicação de ontem e de hoje, apresentando um quadro estatístico dos autos e das estradas de rodagem Vê-se que o total das estradas de ferro é de 17 488 km em 1930, 84% mais elevado que ao ser fundada a República em 1912

Termina seu primeiro capítulo informando que a civilização chinesa é de caráter rural e que somente no camponês se poderão “encontrar os traços essenciais da personalidade chinesa tal como o foi modelada pela sua longa história”

O “Relêvo do solo”, diz o Autor, é o teatro em que se exhibe o drama chinês. Borda alguns comentários acêrca da geologia do país, dizendo como quer RUELLAN mais da sua textura do que do período de sua formação Fala nas montanhas, na rêde fluvial, nas planícies de aluvião e na orla marítima, para terminar seu segundo capítulo mostrando as modificações experimentadas pela caíta da China. Em tudo isso o Autor revelou muita técnica moderna, fazendo fluir com naturalidade os ensinamentos atinentes ao homem chinô e à sua economia

No capítulo terceiro estuda o *Clima*, dizendo, porém, que o sistema de classificação dos climas de KÖEPPEN não se aplica muito bem à China, e adianta: “les données nouvelles acquises à cet égard obligent à apporter des modifications profondes à la carte de Koeppen Toutefois, étant donné qu'on fait usage du système de Koeppen dans beaucoup de pays, nous avons cru devoir, en nous en inspirand, dresser les notices ci-après qui distinguent en Chine huit types de climat, designé chacun par une combinaison de lettres”

Para apreciar, se um clima é de natureza a favorecer a atividade humana, é preciso encaisar os diversos fatores que concorrem para a sua formação: a temperatura, a chuva, a umidade do ar, o vento, a duração da insolação, as mudanças de estação e as variações do tempo numa mesma jornada Fazendo-se figurar êsses diversos dados sobre os diagramas, teremos elementos para ver como o clima reage sobre a atividade dos indivíduos Já dizia ELLSWORTH HUNTINGTON (*Civilization and Climate*) que a variedade é, no clima, um elemento de feliz influência sobre a atividade física e mental E, apoiando-se nas estatísticas meteorológicas publicadas no mundo inteiro, pôde comparar as vantagens de tal ou tal clima com o grau de civilização dos habitantes dos países que os experimentam Para êle a Europa Ocidental e os Estados Unidos figuram na zona cujo clima possui as virtudes que melhor podem gerar a energia Para HUNTINGTON a China estava na categoria intermediária

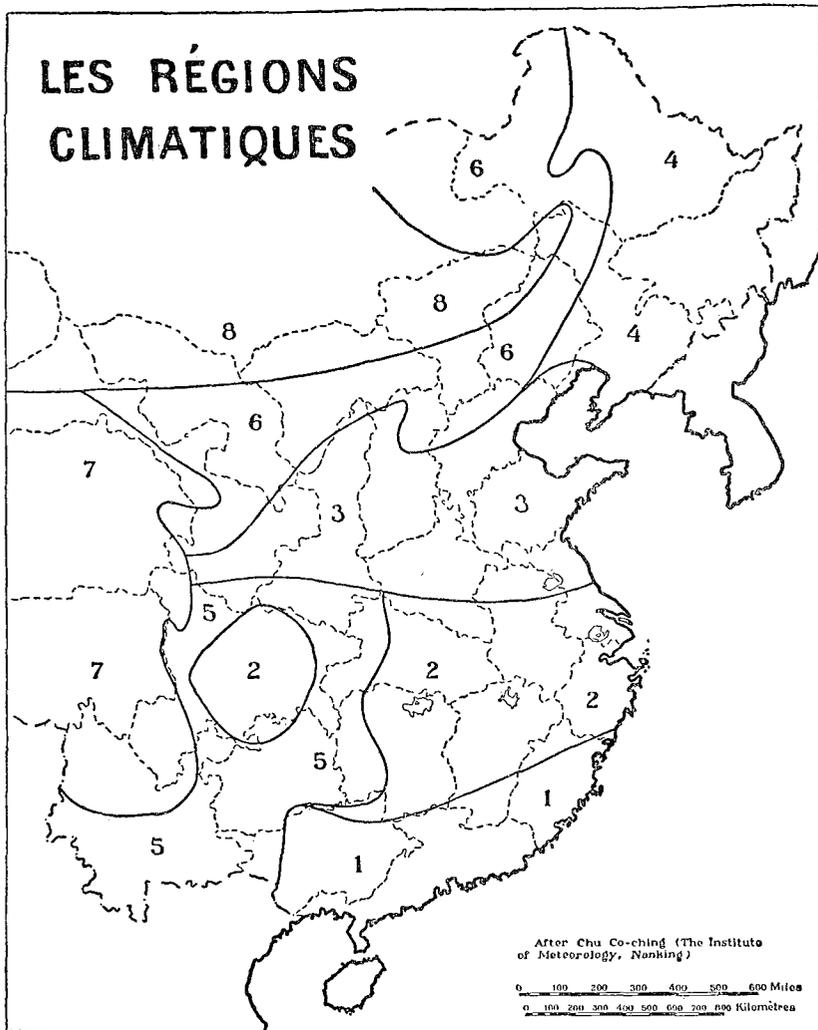
Os países que são influenciados pela ação das tempestades ciclônicas experimentam maior fator estimulante do que aqueles submetidos ao clima, ao ciclo monótono das monções E aqui encontrou CRESSEY argumento para afirmar que a China do norte e a China central estão em categoria climática superior a que lhe deu HUNTINGTON, arrematando que “l'homme vit, en Chine, en contact étroit avec la nature et climat offre pour lui un intérêt essentiel”

No capítulo quarto o Autor estuda a paisagem agrícola (inclusive as construções rurais), os fundamentos da agricultura, a extensão das terras cultivadas e os grandes problemas da agricultura chinesa

Os solos da China são tão variados quanto o relêvo do terreno, diz CRESSEY São em geral pobres em humus e em matérias orgânicas, faltando-lhes assim o azoto Pouco profundos conservam mal a umidade

“As riquezas naturais da China” constituem o capítulo quinto que, começando por um ligeiro histórico, estuda: o carvão — a grande fonte de energia, outras fontes de energia, o ferro — base da civilização moderna, os metais não ferrosos, as riquezas não metálicas, a produção mineral da China, para terminar com incisivas palavras focalizadoras do futuro da indústria na China, assim resumidas: “A China possui incontestavelmente grandes possibilidades em carvão e minerais secundários que lhe bastarão para uma expansão durante algumas dezenas de anos e quicá mesmo durante alguns séculos Ela dispõe de abundante material humano Falta-lhe contudo petróleo, cobre, enxofre e madeira É sem dúvida no ferro que reside todo o problema do futuro industrial do país”

O capítulo sexto — “Os contactos da China com o resto do Mundo” é o derradeiro do que considerei a parte geral É iniciado por *quelques mots d'histoire* para situar bem os problemas do comércio de exportação, do comércio de importação, da balança do comércio, das grandes praças comerciais e das principais correntes comerciais



REGIÕES CLIMÁTICAS DA CHINA

- 1 — Tipo China do Sul (Cw Inverno quente e seco)
- 2 — Tipo da China Central ou do vale do Yang-tze-kiang (cfa Clima quente e úmido)
- 3 — Tipo da China do Norte (Dwa Inverno fresco e seco)
- 4 — Tipo Mandchuriano (Dwb Inverno fresco e seco)
- 5 — Planalto do Yuman (Df Clima fresco e úmido)
- 6 — Tipo das Stepes (BSkw Stepes de clima de inverno frio e seco)
- 7 — Tipo Tibetano (Dh Tundra de alta altitude)
- 8 — Tipo Mongoliano (BWk Desertos frios)

Nos quinze capítulos seguintes o Autor estuda as quinze regiões naturais de per si. Para dividi-las CRESSEY adotou um critério inteiramente seu.

“As regiões geográficas entre as quais podemos repartir o território chinês devem oferecer uma certa homogeneidade, ao menos no que concerne a maneira pela qual seus habitantes souberam adaptar-se ao meio. Mas qualquer que seja o plano que se adote, não se pode fazê-lo expressar exatamente a realidade, porque certas características de tal ou tal região abrangem também a região vizinha. É no Sul e no Sudoeste da China que o problema se torna mais particularmente difícil de resolver, porquanto os limites que poderiam permitir a repartição das culturas ou a topografia, são vagos e incertos e os dados sobre os quais se possa apoiar são imprecisos.

“Além do mais os fatores determinantes variam muito sensivelmente dum país para outro. Na Mongólia é a insuficiência de chuva que é o traço marcante, no Tibet é a altitude; no Kiangsu é a natureza das colheitas. Todavia foram as formas do terreno que orientaram a atividade dos habitantes e determinaram a escolha das culturas, o fator principal, porque a topografia atua sobre o solo, sobre o clima, e sobre as ocupações agrícolas. Para a determinação das quinze regiões em que na presente obra — e isto constitui a principal originalidade — dividimos a China, fomos inspirados primeiramente nas condições pelas quais o homem se pôde adaptar ao meio, levando em conta num processo de adaptação o clima, a agricultura e o relevo do solo.”

Ninguém pode negar a beleza de concepção de CRESSEY procurando um meio biofísico para gizar as regiões geográficas da China.

Ao descrever as regiões, não seguiu um estalão definido, procurou dizer as cousas à medida que se tornavam necessárias, isto é a proporção que surgiam naturalmente no cascatear do assunto.

Na “Planície da China do Norte” foi visto o dom dos rios, o objetivo dos homens, os limites, o papel do solo e da água, a agricultura, a vida do povo, as cidades da planície, os meios de transporte, uma terra de fome.

Nas “Colinas do Loess” focalizou o quadro topográfico, o Loess, o clima continental, a agricultura seca, a diversidade das raças, o país dos tremores de terra, as grandes estradas, as riquezas do sub-solo, o drama da floresta.

Nas “Montanhas do Shantung, do Liaotung e do Jeol” estudou a natureza física, os meios de acesso, o clima, a agricultura, o desaparecimento das florestas, as riquezas, os minerais e a porta sobre o mar.

Na “Planície Mandchuriana” assim encadeou o assunto. Vista de conjunto, algumas palavras de história, os meios de comunicação de outrora e de hoje, a imigração, o clima rude, a agricultura em plena expansão, a semelhança com a América do Norte, o futuro da Mandchúria.

Nas “Montanhas da Mandchúria Oriental” as partes dominantes foram: esboço geral, isoladamente e dificuldades de acesso, as florestas e as minas, riquezas em estado potencial, o clima e a agricultura.

Nas “Montanhas de Khingan” pintou o quadro geográfico, salientando as madeiras, o ouro e o papel do homem.

Nas “Stepes e desertos da Ásia Central” estudou o deserto, o meio natural, o clima, o papel essencial da vegetação, os mongóis — pastores da steppe —, as rotas comerciais, a geografia política e as possibilidades agrícolas.

No “Maciço Central” acentuou, entre outras cousas, o seguinte a zona de transição, a paisagem e a geografia física, os limites, as gargantas do Yang-Tzé, a população e as comunicações.

Na “Planície do Yang-Tzé” os quadros tiveram os seguintes títulos: um país de rios e canais, a ameaça das inundações, os limites incertos, os transportes fáceis, o clima, a utilização do solo pelo homem, a seda, Shanghai — porta de entrada da China, Wu-Han-Nankin e Soo-Hang, a preeminência da planície do Yang-Tzé.

Na “Bacia Vermelha do Szechwan” esboçou o aspecto geral da região, disse algo do clima doce e úmido e do desenvolvimento da agricultura, assim como das riquezas minerais.

Nas “Colinas do Sul do Yang-Tzé” mostrou: um anfiteatro de colinas, o clima, o fator humano, uma agricultura de vales, o chá e as riquezas naturais.

Na “Costa Sul-Oriental” descreveu falésias, vales e deltas, o homem e o mar; o clima quente e úmido; uma agricultura restrita, a população, um caso de seleção pela migração: os Kakkas.

Nas "Colinas de Liangkwan" discorreu minuciosamente sobre as colinas e os rios, a unidade da região, o clima tropical, o homem e a terra, as riquezas naturais, as comunicações por terra e por água, o delta de Cantão, Cantão e Hong-Kong e o espírito progressista do cantonês.

No "Plano do Sudoeste" viu verdadeiro museu antropológico e apreciou o clima temperado, a agricultura, as comunicações terrestres e as riquezas naturais.

Nos "Confins Tibetanos" analisou o meio físico, as rotas de acesso ao Tibet, os pontos de vista políticos e o papel do homem.

Pelo que acabamos de enumerar, bem podem todos avaliar que CRESSEY não teve a preocupação do esquema tão do gosto dos geógrafos de gabinete. Disse de cada região o que viu sem fazer geografia romanceada.

Quiçá teve ele vontade de informar-nos de muitas outras cousas, mas limitou-se a asseverar aquilo somente de que tinha absoluto conhecimento.

O nosso fito apresentando o trabalho de GEORGE CRESSEY versando sobre um país tão longínquo, foi, como já dissemos, com o único intuito de mostrar o seu processo de trabalho, afim de que possamos ter aqui algo parecido, porquanto entre o país de Chang-Kai-Shek e o Brasil há muita coisa semelhante. Oxalá tenha eu realizado o meu intento.

Tte. Cel LIMA FIGUEIREDO.